

Cadernos de Cultura da A.C.N.

Série

CULTURA

NEGRA

SUMÁRIO

O ANO 70 DA ABOLIÇÃO

Associação Cultural do Negro

ALGUNS ASPECTOS DA POESIA NEGRA

Sérgio Milliet

PROTESTO

Carlos de Assumpção

GRITO DE ANGÚSTIA

Oswaldo de Camargo

O NEGRO E A REPÚBLICA

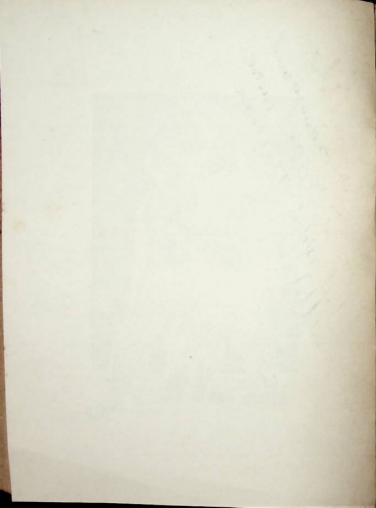
Artur Ramos

ILUSTRAÇÃO DE: *Clovis Graciano*

1

Edição da Associação Cultural do Negro
São Paulo





O ANO 70 DA ABOLIÇÃO

A ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO NEGRO, cumprindo parte do programa que se propôs realizar, divulga no momento em que completa seu quarto ano de existência seu primeiro Caderno de Cultura. "CADERNOS DE CULTURA DA A. C. N." será antes de mais nada uma tentativa destinada a contribuir para o estudo, conhecimento e divulgação dos inúmeros problemas com que se defronta a nação brasileira na atualidade, principalmente os relacionados com a sua raça, sua população, sua história, sua cultura e a luta de seu povo na estruturação da nacionalidade.

Este primeiro exemplar, com a série "CULTURA NEGRA", apresenta o que foi possível selecionar de mais completo — dentro de suas possibilidades — sobre os problemas relacionados com o elemento negro. Sem dúvida alguma, foi o negro brasileiro, do ponto de vista do direito das gentes, o mais diretamente atingido pelo benefício da extinção do trabalho escravo em nosso país. A nação contudo, não teria completado a sua emancipação política sem a abolição da escravatura. Sua marcha rumo ao progresso seria difícil, senão impossível, com a manutenção de um regime anacrônico, que tinha por base o trabalho servil. O grande ato de 13 de maio de 1888, não é e não deve ser aceito como um acontecimento jubilar apenas pelo elemento negro. Pela forma com que foi realizado, pela intensidade de sua repercussão, pelas profundas transformações que provocou na estrutura econômica, política e social da vida brasileira, situa-se como um dos poucos acon-

tecimentos caracteristicamente revolucionários de nossa história pátria. Consolidou a Independência, ensejou a vitória da campanha republicana, permitiu que o Brasil se situasse como nação e como povo no consenso internacional.

O estudo aprofundado do movimento abolicionista, de seu desfecho e conseqüências, com toda a sorte de reflexos sobre o desenvolvimento cultural, político, econômico e social do homem negro no Brasil, em sua íntima e indissolúvel ligação com o desenvolvimento da sociedade brasileira, está a exigir o máximo de atenção e interesse de todos aqueles que em nossa pátria se preocupam com a solução dos problemas básicos.

Dando prosseguimento ao programa que desenvolveu em anos anteriores e certa de contribuir para o encaminhamento, de maneira prática e objetiva de tal questão, foi que a Associação Cultural do Negro, com a colaboração de prestigiosas entidades e personalidades, procurou comemorar o 70º aniversário da promulgação da Lei Aurea. Esta comemoração, que se desenvolveu sob a denominação genérica de "O ANO 70 DA ABOLIÇÃO", teve um sentido todo diferente, especial. Adquiriu aspecto de estudo, pesquisa e balanço da longa caminhada empreendida pelo negro desde a libertação. Extenso programa cultural, esportivo, artístico e recreativo foi traçado e levado à prática. A série de conferências pronunciadas por estudiosos de reconhecida capacidade, tais como Edson Carneiro, Florestan Fernandes, Rossini Tavares de Lima, Abdias do Nascimento, Mary Apocalipse, Clovis Garcia, Carlos Burlamaqui Kopke, Sérgio Milliet, Fernando Góes e Artur Neves, que discorreram sobre "Os Trabalhadores na Escravidão", "Integração do Negro na Sociedade de Classe", "O Negro na Folc-Música Paulista", "O Negro e o Teatro Dramático", "Castro Alves e a Abolição", "O Teatro Como Meio de Integração do Negro", "André Rebouças e o Abolicionismo", "Alguns Aspectos da Poesia Negra", "O Abolicionismo em São Paulo" e "O Negro na Literatura Brasil-

leira" e outros tantos debates que se lhes seguiram — com os seminários e as mesas-redondas — demonstraram a complexidade do assunto e a ausência quase completa de estudos profundos, honestos e claros sobre a questão entre nós.

Para a Associação Cultural do Negro, as atividades de "O ANO 70 DA ABOLIÇÃO" não foram apenas comemorativas. Foi uma pesquisa a mais. Pesquisa que veio incorporar-se aos trabalhos iniciados com a I Convenção Paulista do Negro (maio de 1956), Semana Nina Rodrigues (17 a 24 de julho de 1956) e as atividades culturais consagradas de Paulo Eiró, Luiz Gama, Castro Alves, José do Patrocínio, Cruz e Souza, Teodoro Sampaio, Manoel Querino e José Bonifácio, o Moço.

Com isso, a Associação Cultural do Negro, em contacto com a realidade da situação do grupo étnico a que procura servir, busca uma orientação para as suas atividades, obediente aos objetivos programáticos que se impôs desde o seu primeiro dia de existência.

À medida em que aprofunda em pesquisas e desenvolve suas atividades, mais responsabilidades sente a A.C.N. em face dos problemas que se lhe apresentam e do momento em que vive na vida brasileira.

O negro teve no passado, e ainda no presente, o seu desenvolvimento cultural e sua ascensão social obstados por uma sociedade preconceituosa, que persiste em desconhecer da sua contribuição à cultura e à economia nacional, deformando os fatos históricos, ou recorrendo à falsas teorias, com o propósito evidente de expoliá-lo do lugar a que por justiça tem direito ou com a intenção de situá-lo numa posição de menos importância dentro de todos os acontecimentos pátrios.

A proteção social às massas escravizadas, proposta por José Bonifácio na Constituinte de 1823; a assistência econômica aos trabalhadores libertos das fainas do cativo, reclamada por André Rebouças e outras providências ne-

cessárias ao ajustamento da personalidade do elemento negro dentro da sociedade brasileira, no período post-abolição, sugeridas por estudiosos que se preocupam séria e honestamente com as nossas questões sociais, não mereceram dos responsáveis pelos destinos do país a mínima atenção. Pelo contrário. O mais completo silêncio, quando não a indiferença, a oposição e a ironia, foram as atitudes oficiais e oficiais, que na maior parte têm prevalecido até o momento.

Com razão dizia Silvio Romero há quase 70 anos: "A respeito dos negros o silêncio têm sido na ciência do país absolutamente completo". Ninguém quis tratar de seus problemas "em obediência ao prejuizo da côr, com mêdo de, em mostrando simpatia em qualquer grau por êsse imenso elemento de nossa população, passar por descendente da raça africana, de passar por mestiço".

Se "a República desconheceu o Negro. Ou só o continuou lembrando — uma vez por ano! — não para homenageá-lo, mas para tecer hinos de puro saudosismo aos teóricos de uma abolição que esqueceu o Negro" — como muito bem se expressou Artur Ramos, cabe ao povo brasileiro, e principalmente àqueles negros que tem conseguido destacar-se nos diversos setores de atividades, conjugarem esforços e encontrar a solução para um dos grandes problemas de nossa pátria.

Com essas considerações, entregamos aos nossos associados e amigos o primeiro exemplar de "CULTURA NEGRA". O leitor que nos perdôe as suas falhas, principalmente a relacionada com o tamanho do volume e a extensão da matéria. Esta foi motivada única e exclusivamente por questões de ordem econômica-financeira.

Aproveitamos a oportunidade para externar nossos agradecimentos a todos aqueles que apoiaram as realizações de "O ANO 70 DA ABOLIÇÃO", principalmente à Sua Eminência, Cardeal D. Carlos Carmelo de Vascon-

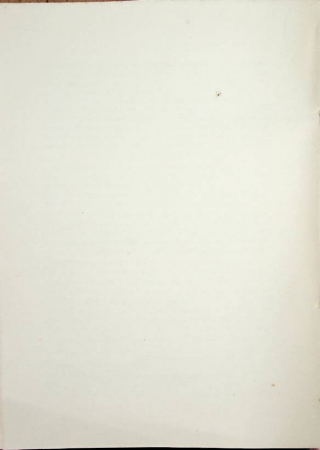
celos Mota; a S. Excia. Governador Jânio Quadros e seus Secretários de Estado; a S. Excia., o Prefeito Adhemar de Barros e seus Secretários; Drs. José Pedro Leite Cordeiro, Almeida Magalhães, Pedro Antonio de Oliveira Ribeiro Neto, Silvio Romero Filho, Sebastião Pagano, Honório de Sylós e René de Oliveira Barbosa, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; Deputado Ariel Tomazine; Drs. Francisco Romano de Oliveira e Ruy H. Novaes, Prefeitos Municipais de Pindamonhangaba e Campinas; Vereadores Freitas Nobre e Humberto De Lucca, das Câmaras Municipais de São Paulo e Cruzeiro, respectivamente.

Nossos agradecimentos especiais à imprensa escrita, falada e televisada; aos Srs. Abelcio Barbosa, Edgard Bromberg, José Antonio Ribeiro, Antonio Pinto da Silva Figueiredo, Rodolfo Mraz, Tenente Alcides Jácomo Degobbi, Maestro da Banda Sinfônica da Força Pública do Estado de São Paulo; Alberto Piovesan, da Federação Paulista de Atletismo; ao Maestro Vicente Aricó Junior e Orfeão do professorado Paulista do Departamento de Eduquei Clube de São Paulo e as agremiações esportivas que com seus atletas abrilhantaram nossas realizações.

Aos conferencistas de "O ANO 70 DA ABOLIÇÃO", a Clovis Graciano, aos autores dos trabalhos que figuram na presente publicação, às entidades, Teatro Experimental do Negro de São Paulo, Teatro Popular Brasileiro, Associação Paulista dos Amigos do Homem do Norte e do Nordeste, Grêmio Estudantil Castro Alves, Sociedade Recreativa José do Patrocinio de São Manuel e Fidalgo Clube, que com a A.C.N. promoveram as aludidas realizações, ficam aqui consignados também o nosso muito obrigado.

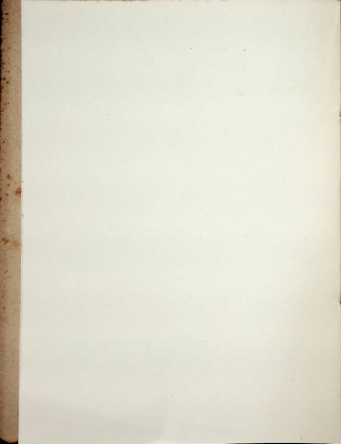
São Paulo, dezembro de 1958.

A Diretoria Executiva da Ass. Cultural do Negro.





SERGIO MILLIET, Presidente da União Brasileira de Escritores, por ocasião das atividades culturais comemorativas do septuagésimo aniversário da abolição do trabalho escravo no Brasil, pronunciou a conferência que vem publicada nas páginas que seguem.



ALGUNS ASPECTOS DA POESIA NEGRA

Sérgio Milliet

Escrevendo sobre a poesia negra de língua francesa, indaga Jean Paul Sartre: "Que esperavam vocês que acontecesse quando tirássemos a mordação dessas bocas negras? Que nos entoassem louvores?" Evidentemente a abolição não podia trazer com ela o amor do escravo pelo senhor. Havia entre eles, chicote, humilhações. A atmosfera tinha que ser de ressentimento, o qual em muitos casos se transformaria em ódio, tanto mais quanto com a abolição legal não se verificou, como não era possível que se verificasse, a abolição das discriminações raciais.

Até então fôra o negro um bicho, um animal doméstico, mais aparentado ao burro e ao boi do que ao cão, embora houvesse algumas mucamas de estimação. É verdade que em certos momentos de penúria de mulheres valeu-se o branco das negras e não raro a elas se habituou ou se afeiçoou. As exigências do instinto são cegas:

Essa néga Fulô!

Ademais a lenda do pendor da raça escrava pelo amor físico espalhou-se desde cedo e a sedução da exótica pele escura influíu nas atitudes do branco.

Instrumento de trabalho e instrumento de prazer, não lhe reconheceram jamais a qualidade de homem os que com o negro traficaram e se locupletaram. Ele pró-

prio, na sua inocência de primitivo, sempre se considerou um ser inferior, sem os meios nem a inteligência do branco. Foi preciso, para que tomasse conhecimento da injustiça do tratamento, que alguns brancos lho dissessem e contra a desigualdade se erguessem.

Libertados afinal, na afirmação de si mesmos é que teriam de empregar todos os seus esforços. Antes de mais nada cumprira-lhes provar sua humanidade e em seguida reivindicar o direito à igualdade. A isso opunha-se o branco, pois se renunciava, embora de má vontade, a seus privilégios económicos, não se conformava com a supressão da distância social, o que até certo ponto se explicava, pois os que ganhavam a liberdade não adquiriam ao mesmo tempo educação e saber. Soltos numa sociedade hostil, às mais baixas camadas iam ter, onde as funções mais vis lhes eram destinadas. Da cozinha como escrava foi a negra para a cozinha como empregada, da cama do seu senhor para a cama de qualquer senhor. E ao largar a enxada, só a vassoura de gari foi que o negro encontrou.

Aos negros nada restava do passado e poucas raízes haviam êles deitado nas terras de seu exílio. Obrigados a mascarar sua religião, a renegar seus valores morais, tinham-nos olvidado. Nem sua língua podiam mais entender, e as poucas canções que não haviam esquecido, por tê-las ouvido dos pais ou avós, nenhum sentido profundo comportavam. Criar uma língua própria à imagem da língua dos senhores, e uma religião nova adaptada à nova condição social foi a etapa primeira para a redescoberta da negritão.

Eis o que diz Jean Brière, de Haíti:

Desaprendemos o dialeto africano

Cantas em inglês meu sonho e meu sofrimento

.....
Digo de tua angústia na língua de França.

Quando consegue afinal, vencer essa etapa deixa o negro de se lamentar, repudia sua pseudo-inferioridade à

luz do que vai revelando nêle de puro, de grande, de generoso. Na medida, em suma, em que sua alma se reorganiza, em que um conjunto de valores é criado para servir de base à sua decisão de ser.

O que há de mais fortemente expressivo na poesia negra é dessa fase de sua evolução. Começa ela pela tomada de consciência das características da raça e de sua beleza original. Em francês, inglês, espanhol ou português é sempre em linguagem negra que o negro se exprime. E em que consiste essa linguagem específica? Na introdução de vocábulos africanos na língua importa pelo meio, nas variações sintáticas e prosódicas a que a submetem. Da Luisiana à Bahia e da Jamaica a Haiti os mesmos fenômenos linguísticos se observam, a ponto de não haver nada mais parecido, eufônicamente, com o português negro do Brasil do que o francês negro do Haiti ou o inglês dos negros norte-americanos:

Diz o pôrto-riquense Luís Pales Matos:

Calabó y bambú
 Bambú y calabó
 El gran cocoroco dice: tu-cu-tu
 La gran cocoroca dice: tococotó
 En el sol de hierro que arde en Tombuctu
 Es la danza negra de Fernando Póo
 El cerdo en el fango gruñe: pru-pru-pru
 El sapo en la charca sueña: cri-cro-crió
 Calabó y bambú
 Bambú y calabó

e canta Gilbert Gratiant, da Martinica, a propósito de um ciclone:

Tout nôham, toutt fax-m, toutt ych, toutt bêtt,
 Pa-ni chappé

 Pou si Zombis rivé, ych-mois?

(Todos os homens, tôdas as mulheres, tôdas as crianças, todos os bichos, nada escapou... Se os Zumbis (diabos) chegassem, meu filho?)

Os negros não sabiam que eram negros, isto é, que o fato de ter a pele escura implicasse em inferioridade; foram os brancos que lhe disseram. A principio isso os chocou, porque os mais fortes deviam ser os mais belos. Perceber sua beleza própria e proclamá-la levou a desprezar a brancura:

*Mulher sua, mulher escura,
fruto maduro de carne dura,
êxtases sombrios de negro vinho,*

assim surge, de repente, aos olhos do poeta negro a imagem companheira de que procura orgulhar-se, valorizando a sua negritão. Vai mais longe, como disse há pouco, julga o branco decadente, fisicamente esmagado por uma civilização antinatural:

*Êsses homens que não sabem mais andar sôbre a
carne dos pés.*

É com sarcasmo que o encara, e às vêzes com humor, brincando como só os negros sabem brincar. E Léon Damas, da Grécia, assim caçoa de sua boa e humilde mamãe que o queria bem correto e feito à imagem dos colonizadores:

*Minha mãe queria um filho muito dó
muito ré
muito mi
muito fa
muito sol
muito si
muito dó
re-mi-fa
sol-la-si
do*

Gilbert Gratiant, já citado, é mais violento, bem sabe porque o querem bem comportado, é que

Não haveria canaviais
 não haveria castelos
 não haveria automóveis
 não haveria "senhor"
 não haveria "senhora"
 não haveria "seu padre"
 se não houvesse José.
 (Si pa té ni Joseph).

Mas ouçamos a palavra do grande Aimé Cesaire, também da Martinica, o poeta que André Breton saudou como o maior poeta negro da atualidade:

Piedade para nossos vencedores oniscientes e
 ingênuos.
 Viva os que não inventaram nem a palavra nem a
 bússola,
 os que não domaram nem o vapor nem a eletricidade
 os que não exploraram nem os mares nem os céus
 mas aquêles sem os quais a terra não seria terra.

O mundo da negridão é diferente:

*é doce como o perfume de um veludo vermelho
 sobre a respiração ruidosa de uma pele negra...*

Já o negro David Diop, com mais amargor e crueza, semelhante nisso aos poetas negros norte-americanos, despreza sêcamente o suplício da raça e recomenda a revolta:

Meu pai era altivo
 o branco matou-o
 Minha mãe era bela
 o branco violentou-a
 meu irmão era forte
 o branco curvou-o sob o sol nas estradas
 Agora o branco volta para mim

suas mãos sujas de sangue
 negro
 e com sua voz de senhor:
 alo boy, pernod, guardanapo e água!

mas

tu que te curvas e choras
 tu que morres um dia sem saber porquê
 tu que lutas pelo repouso do outro,
 tu que não olhas mais com o riso nos olhos
 tu, meu irmão cheio de medo e angústia
 Ergue-te e diz: Não.

No mesmo diapasão exprimem-se em geral os poetas negros norte-americanos, com muito mais numerosos e mais justos motivos de ressentimento. A diferença está em que os poetas negros de língua francesa encaram o problema das discriminações de um ponto de vista mais nacionalista e anticolonialista do que racista. A reivindicação norte-americana é de outra ordem. Não se glorifica a negridão, luta-se apenas pela igualdade de direitos dentro da coletividade. Os conflitos entre negros e brancos têm sido entretanto extremamente violentos nos Estados Unidos e o canto negro disso se ressentiu. Bem característicos desse sentir é este poema de Langston Hughes:

Eu também canto a América.
 Sou o irmão escuro.
 Mandam-me comer na cozinha
 quando chegam visitas
 mas eu me rio,
 e como bem
 e cresço com saúde.
 Amanhã eu me sentarei à mesa
 quando chegarem visitas.

Então ninguém se atreverá
a dizer-me
— Vai comer na cozinha.

Ademais
verão que sou belo
e não de envergonhar-se.
Eu também sou da América.

A história da luta do negro norte-americano pela sobrevivência vai da segregação escolar ao linchamento, convém não esquecê-lo. Daí esse acento doloroso, essa condenação:

Existe um rio amargo
banhando as terras do Sul.
Anos a fio tive o gosto
de suas águas na boca.
Existe um rio amargo,
pardo de sujeira e lama,
anos a fio seu veneno mau
me corrompeu o sangue.
De suas águas amargas bebi
e o fel ainda me azinha a língua,
misturado aos anseios que lá se afogaram
na correnteza de silvos de serpente.
De suas águas amargas bebi
e elas afogaram meus sonhos todos:
o livro lido — mas inútil;
o instrumento empurrado — mas não usado;
a lição aprendida — e perdida;
a ambição solapada — e partida.
O água do rio amargo
com esse gosto de sangue e terra,
por certo já não espelha nem estrélas à noite
nem o sol ao meio-dia.
O rio amargo não reflete as estrélas —
Apenas devolve o brilho das grades de aço

dos rapazes de Scottsboro atrás das grades de aço
de Lewis Jones atrás das grades de aço,
dos mineiros indiferentes atrás das grades de aço,
do líder trabalhista atrás das grades de aço,
do soldado arrancado do ônibus de negros atrás das
grades de aço,
do fotógrafo ambulante atrás das grades de aço,
da rapariga que faz negócios do seu corpo atrás da
grade de aço,
das costas de meu avô com degraus de cicatrizes.

Há muitos e muitos anos — açoutes e grades de aço,
o amargo rio já não reflete mais estrélas.

Estou farto agora do rio amargo

"tenham paciência" dizem vocês

"Sua gente verá dias melhores"

Mas o redemoimho do rio amargo

engole voasas palavras.

"Trabalho, educação, paciência

trarão dias melhores."

O redemoimho do rio amargo

arrasta as palavras ao fundo.

"Miséráveis! Agitadores!

Desordeiros!" dizem vocês

mas os redemoimhos do rio amargo

arrastam as palavras ao fundo,

"Miséráveis! Agitadores!

Desordeiros!" dizem vocês

mas os redemoimhos do rio amargo

tragam as mentiras também.

Não fui eu quem procurou nesse rio

o gosto de sua espuma amarga.

Essas águas me foram dadas

como um presente por vocês.

Vocês com seu poder é que me encoastaram à parede

me obrigaram a beber a bebida amarga

feita de fel e de sangue.

Vocês, com seu poder, lincharam meus camaradas

debaixo da ponte que cruza a correnteza;
menosprezaram o meu trabalho
e cuspiram na cara de meu sonho.
Vocês é que me empurraram para o rio amargo,
Agora as palavras não têm mais sentido.
Anos a fio bebi essas águas.

Sonhador de sonhos inúteis
construtor de esperanças condenadas,
perdedor de salários miseráveis,
carregador amargo de amarguras
e cantor de canções soluçantes.
Anos a fio bebi as águas do rio amargo.
Estou farto das humilhações
Estou farto agora das grades de aço,
só porque negro é o meu rosto.
Estou farto de segregação,
farto de sujeira e de lama.
Bebi as águas do rio amargo
e se fizeram aço no meu sangue.

O trágico rio amargo
onde boiam os rapazes linchados,
o fel de tua água amarga
não reflete nenhuma estrêla
Estou farto do rio amargo
cansado das grades de aço!

Nos demais países da América, entretanto, outra é a voz da poesia negra. O latino, menos preconceituoso, não criou essa atmosfera de rancor. A discriminação foi menos de sangue que de pele e se verificou em grande escala a famosa passagem da linha — do preto ao branco através do mulato. O próprio negro não se viu excluído intransigentemente da sociedade branca, embora a maior desconfiança o acompanhasse em sua ascensão social. O pendor de espanhóis, portugueses e italianos pelas morenas mais claras facilitou a miscigenação e contribuiu para

o estabelecimento de relações cordiais entre negros e brancos. O sistema patriarcal também auxiliou o branco a compreender o negro e querê-lo bem; desde a velha bá das fazendas até os molecotes companheiros de folgedos tudo demonstrava ao branco a insensatez do preconceito. A poesia negra da América Latina apresenta-se por isso mais sentimental, nostálgica sem dúvida, porém mais de apêlo à simpatia do que de incitação ao ódio.

Houve exploração política não raro da situação social do negro, muita demagogia em tôrno do assunto, mas nenhum rancor verdadeiro ficou e a não ser em círculos restritos não se observa hostilidade declarada contra o homem de côr.

Nicolau Guillén mostrou muito bem essa ambivalência sentimental na balada dos avós:

*Pé descalço, torso pétreo
os do meu negro;
pupilas de vidro antártico
os de meu branco.*

Ou essa que reproduz na língua negra de Cuba para que não perca seu sabor:

*Ayé me dijeron negro
Pa que me fujara yo;
Pero el que lo decía
era un negro como yo;
tan blanco como te bé
y tu abuela sé quien é
Sícula de la cosina:*

Mamá Iné

*Mamá Iné, tu bien lo sabe;
Mamá Iné, yo bien lo sé;
Mamá Iné te dice nieta,
Mamá Iné.*

Lá como aqui houve também aquilo que Roger Bastide imagina ter ocorrido em virtude da possibilidade de vir o negro a participar da vida do branco: o desejo de imitar.

"Alguns mulatos livres, até mesmo alguns negros, por força do hábito feliz do apadrinhamento conseguem penetrar no campo cultural dos brancos. (Silva Alvarenga, Domingos Caldas Barbosa, etc.) Mas o primeiro cuidado desses parvenus da inteligência era copiar a literatura dos brancos. Esqueciam assim sua ancestralidade africana.", Discordo de Roger Bastide. Não a esqueciam, procuravam justificá-la sentimentalmente.

É que na América Latina não há propriamente negro puro: há mulatos e o mulato vê na sua mestiçagem, já o dizia Tobias Barreto, o duplo encanto das duas raças:

Bôca de rosa e dentes de africana.

O negro brasileiro — isto é, o mulato — só se irrita na sua poesia, só se manifesta com dureza e amargor contra os que, embora manchados de preto, se esforçam por negá-lo. Luís Gama estigmatiza-os:

*Se mulatos de côr esbranquiçada
Já se julgam de origem refinada*

.....
Desprezam a vozó que é preta-mina

Ou então o ressentimento decorre da mudança no status a que a escravidão o forçou. É o que observa Roger Bastide citando este verso colhidos por Artur Ramos no Nordeste:

*Quando ió tava na minha terra
iô chamava capitão
chega na terra di branco
iô me chama Pai João.*

Há, sem dúvida, também nessa América Latina, vozes amargas. São raras entretanto. E se um Solano Trindade escreve:

*Canto de negro dói
Canto de negro mata*

*Canto de negro
faz bem e faz mal.
Negro é como couro de tambor
Quanto mais quente mais toca
quanto mais velho
mais zunda faz.*

nenhum acento de ódio transparece contudo.

A injustiça da posição social que levou o negro à expressão de sua negridão e a reivindicações irritadas, induziu-o também, em certos lugares, a uma expressão poética branca. Pelo mimetismo intelectual buscou o negro e em particular o mulato igualar-se ao branco. Cruz e Souza, um dos maiores poetas simbolistas, em quase todos os seus poemas, exprime esse anseio de brancura, como se o fato de falar como o branco, com igual requinte, o libertasse do complexo de inferioridade. A arte, diz Bastide, era para ele um meio de abolir a fronteira que se erguia entre os filhos de escravos e os filhos de brancos livres. Por isso ele canta a mulher branca, ideal imarcescível a que tem "a côr nupcial de flor da laranjeira" e mesmo quando, baixando à realidade, se refere a seu amor pela negra com quem casou, vê nela uma alma de forma singela e branca de hósta.

Prosseguindo na análise da poesia de Cruz e Souza, assinala o crítico e sociólogo francês essa nostalgia do branco traduzindo-se igualmente na adoção de ritmos suaves em lugar do sincopado comum ao verso dos negros.

*Ó formas alvas, brancas. Formas claras
de luas, de neves, de neblinas.*

Quer isso dizer que Cruz e Souza aboliu por completo o acento negro em sua poesia? Nas "Evocações" há toda uma parte sobre a noite e a negridão, toda uma parte bem africana. A noite da terra, observa ainda Bastide, corresponde psicanaliticamente à noite da carne das negras. essa

"notívaga e carnívora planta bárbara, ardente e venenosa da Núbia".

A atitude do negro brasileiro e do branco em relação a êle, bem mais complexa do que na África ou na América do Norte, exprime-se naturalmente de maneira também mais complexa. A mulatização intensiva, a convicção do próprio branco de que em nossa terra todos têm um pé na cozinha estabeleceram relações de simpatia e facilitaram a derrubada de barreiras, em outros países intransponíveis. Pelo talento, a educação, o dinheiro, e até por simples sentimentalismo o negro as transpõe, o que dá a seu verbo não uma côr de azeviche mas uma côr de "carne mestiça". É certo que no sul do Brasil o preconceito subsiste e atua fortemente nas classes mais altas da sociedade. Ainda assim a hostilidade não se confessa e atribuem-se os resquícios de segregação às más condições econômicas e culturais do preto. Este por seu lado em nenhum outro lugar "se tornou tão da terra" (Gilberto Freyre). Uma separação rigorosa entre a poesia negra e a poesia branca seria tão difficil de se fazer quanto a separação entre o branco puro e o mulato claro ou entre o negro puro e o mulato escuro. Assim como à linha de côr substitui-se aqui uma zona de côr, à linha ou literatura de côr substitui-se uma zona dessa literatura, abrangendo Cruz e Sousa, mas também Jorge de Lima e muitos outros que talvez não apreciem a classificação. De mulato, com acentos negros e brancos é o poema d'êste último poeta, com o qual termino o meu comentário:

Quem foi que no Brasil
mudou teu leite,
teu sangue, teus pés,
teu modo de amar,
teus santos, teus ódios,
teu fogo,
teu suor,

tua saliva, teus abraços, teus suspiros, tua comida?
tua língua?

Te vendo medito: foi negro, foi índio, ou foi cristão?

Pois foi negro, foi índio, foi cristão, e mais mouro igualmente, e nipão. E com essa mistura complicada surgiu com o brasileiro a poesia do brasileiro, que mais deve ao negro entretanto do que aos demais elementos da miscigenação.

E contudo, o preconceito existe no Brasil, ainda em nossa época. Por não ser violento e segregador como o dos norte-americanos nós, os mais brancos, ignoramo-lo o mais das vezes. Sentem-no os negros de certa categoria social com muita acuidade. Oswaldo de Camargo escreveu:

*Eu conheço um grito de angústia
e eu posso escrever este grito de angústia
e eu posso berrar este grito de angústia, quer ouvir?
Sou um negro, senhor, sou um negro!*

Mais ou menos no mesmo tom se exprime Márcilio Fernandes, aludindo à farsa da igualdade: Basta de tanta farsa! Que teria contribuído para o fim do idílio mulato e a tentativa atual de afirmação amarga do preto, com reivindicações e revoltas, à semelhança do que ocorre nos Estados Unidos e nas Colônias européias? Não me parece difícil encontrar a razão mais profunda. O negro brasileiro cultivou-se, conseguiu penetrar em certas camadas sociais mais elevadas, mas provocou com isso a reação dos brancos que nêle principiaram a ver um concorrente perigoso. E os preconceitos se acirraram, como se acirraram os preconceitos contra os judeus a partir do momento em que começaram a brilhar nas ciências, nas letras, no comércio e na indústria. Na medida em que o negro se fortaleceu econômica e culturalmente com mais rancor sentiu a discriminação. Um poeta negro de nossa terra, Carlos Assunção, expõe o problema com muita clareza:

Quero entrar em tôda parte,
Quero ser bem recebido.
Basta de humilhações.

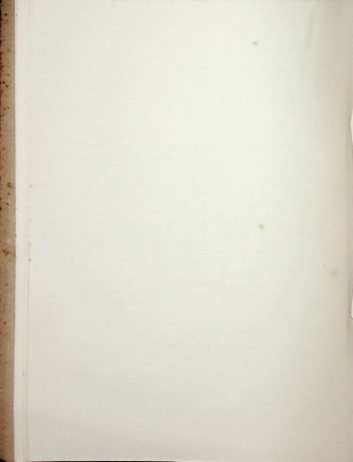
E para alcançar êsse objetivo justíssimo está disposto a gritar,

como gritam os vendavais,
como grita o mar!

A luta da inteligência contra a organização social opressora é de um modo geral dolorosa. Ninguém ignora que "the right man in the right place" é frase para inglês ler. Quando às desvantagens do intelectual se juntam as da diferença de côr, mais árdua ainda se faz a luta e mais violenta é a expressão da revolta contra a estupidez dos donos do mundo, dos que podem dizer "ora as leis!" e que ao lado dessas leis burláveis criam normas bem mais rigorosas e eficientes. Nada impede que um negro seja diplomata, é bem difícil porém que o consiga. Intransponíveis serão os obstáculos erguidos à sua frente. O mesmo se observará de maneira mais ou menos acentuada em outras carreiras. Ninguém se ilude a êsse respeito e muito menos o negro.

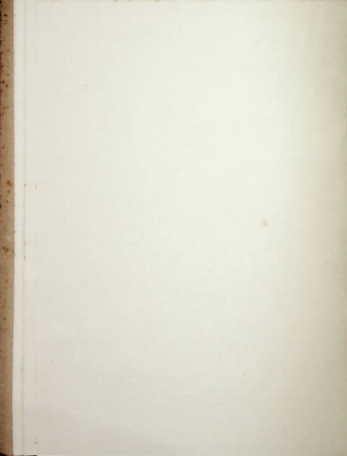
Não acredito que cheguemos jamais à situação norte-americana. Há nos melhores elementos da nossa intelectualidade um indiscutível horror ao preconceito de raça, há em nós uma cordialidade, um arraigado sentimento democrático que contrabalançam as forças reacionárias e por certo evitarão um conflito absurdo, criminoso mesmo.

Entretanto o que temos visto ultimamente é uma advertência. Cumpre-nos encará-la com seriedade.





CARLOS DE ASSUMPTÃO nasceu a 24 de maio de 1927 na cidade de Tietê, Estado de São Paulo. Foi um dos primeiros poetas a participar das realizações culturais da A.C.N., propagando por melhores condições para o negro dentro da sociedade brasileira.



PROTESTO

Carlos de Assumpção

I

Mesmo que voltem as costas,
da minhas palavras de fogo,
não pararei de gritar,
não pararei,
não pararei de gritar.

II

Senhores!
Eu fui enviado ao mundo
para protestar,
mentiras, ouropéis, nada,
nada me fará calar.

III

Senhores!
Atrás do muro da noite,
sem que ninguém, o perceba,
muitos dos meus ancestrais,
já mortos há muito tempo,

reunem-se em minha casa
 e nos pomos a conversar
 sôbre coisas amargas:
 sôbre grilhões e correntes
 que no passado eram visíveis,
 sôbre grilhões e correntes
 que no presente, são invisíveis;
 invisíveis mas existentes,
 nos braços, no pensamento,
 nos passos, nos sonhos, na vida
 de cada um dos que vivem
 justos comigo enfeitados da Pátria.

IV

Senhores!
 O sangue de meus avós
 que corre nas minhas veias
 são gritos de rebeldia.

V

Um dia, talvez, alguém perguntará,
 comovido ante o meu sofrimento;
 "Quem é que está gritando?"
 "Quem é que lamenta assim?"
 "Quem é?"
 E eu responderei: "Sou eu, irmão."
 Irmão tu me desconheces?
 Sou eu aquêle que se tornou
 uma vítima dos homens.
 Sou eu aquêle que sendo homem
 foi vendido pelos homens,
 em leilões em praça pública;
 que foi vendido ou trocado
 como instrumento qualquer
 sou eu aquêle que plantou

os canaviais e cafezais
e os regou com suor e sangue;
aquêlê que sustentou,
sôbre os ombros negros e fortes,
o progresso do país;
o que sofrera mil torturas;
o que chorara inutilmente;
o que dera tudo o que tinha
e, hoje em dia, não tem nada.
Mas hoje grito não é
pelo que já se passou.
Que se passou é passado,
meu coração já perdoou.
Hoje, grito, meu irmão,
é porque depois de tudo
a justiça não chegou.

VI

Sou eu quem grita, sou eu,
o enganado no passado,
preterido no presente.
Sou eu quem grita, sou eu,
sou eu, meu irmão, aquêlê
que viveu numa prisão,
(a escravidão foi uma prisão)
que trabalhou numa prisão
que sofreu na prisão
para que fosse construído
o alicerce da nação.
O alicerce da nação
tem as pedras dos meus braços
tem a cal das minhas lágrimas.
Porisso a nação é triste;
é muito grande, mas triste
e entre tanta gente triste,
irmão, sou eu o mais triste.

VII

*Minha história é escrita
com tintas de amarguras.*

VIII

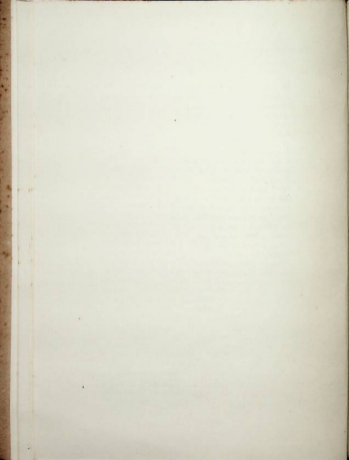
*Um dia jogaram-me derrepente,
sob ovações e rosas de alegria,
da prisão em que me achava,
a uma prisão mais ampla.
Foi um cavalo de Tróia
a liberdade que me deram.
Havia serpentes futuras
sob o manto do entusiasmo.
Um dia jogaram-me derrepente
como bagaços de cana,
como palhas de café,
como uma coisa imprestável
que não servia mais pra nada...
Um dia jogaram-me derrepente,
nas sarjetas da rua do desamparo,
sob ovações e rosas de alegria.
Sempre sonhara com a liberdade.
Mas a liberdade que me deram
foi mais ilusão que liberdade.*

IX

*Irmão sou eu quem grita.
Irmão sou eu quem grita.
Eu tenho fortes razões.
Irmão sou eu quem grita.
Tenho mais necessidade,
de gritar que de respirar*

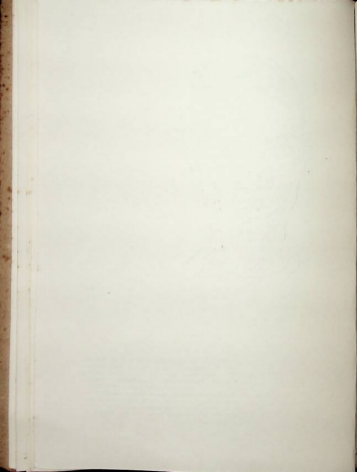
X

Mas, irmão fica sabendo:
Piedade não é o que eu quero,
piedade não me interessa.
Os fracos pedem piedade;
eu quero coisa melhor.
Eu não quero mais viver
no porão da sociedade
Não quero ser marginal.
Quero entrar em tôdas parte,
quero ser bem recebido.
Basta de humilhações!
Minh'alma já está cansada.
Eu quero o sol que é de todos.
Quero a vida que é de todos.
Ou alcanço tudo o que eu quero
ou gritarei a noite inteira
como gritam os vulcões,
como gritam os vendavais,
como grita o mar!
E nem a morte terá força
para me fazer calar.





OSWALDO DE CAMARGO nasceu a 24 de outubro de 1916, na cidade de Bragança Paulista. Além de poeta e jornalista, é também compositor de grande mérito. Batalhador incansável em prol da elevação cultural do negro, tem-se destacado sobretudo como diretor do Departamento de Cultura da A.C.N., organizando sessões litero-musicais, concertos artísticos, e orientando a mocidade açoaiana com firmeza e segurança.



GRITO DE ANGUSTIA

Oswaldo de Camargo

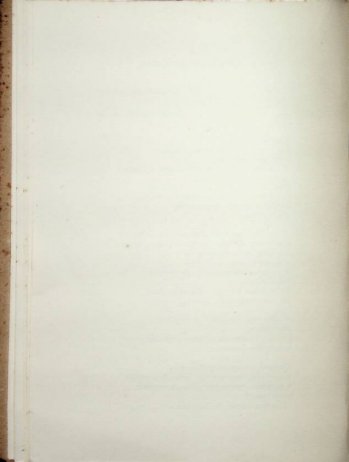
A memória de meu pai

Dê-me a mão.
Meu coração pode mover o mundo,
com uma pulsação...
Eu tenho dentro em mim ansio e glória
que roubaram a meus pais.
Meu coração pode mover o mundo,
porque é o mesmo coração das congos,
bantos e outros desgraçados,
é o mesmo...

É o mesmo coração dos que são cinzas
e dormem debaixo da Capela dos Enforcados...
é o coração da mucama
e do moleque;
e eu sei muitas canções de ninar gente branca,
sei histórias,
tôdas feitas à sombra das palmeiras,
ou nas margens do Nilo...

Eu conheço um grito de angústia,
trovejante,
que deve estarrecer tôdas as minhas amantes
que tenho decerto...

Eu conheço um grito de angústia,
e eu posso escrever este grito de angústia,
e eu posso berrar este grito de angústia,
quer ouvir?
"Sou um negro, Senhor, sou um... negro!"



O NEGRO E A REPÚBLICA

Arthur Ramos

O presente artigo foi publicado em novembro de 1929, na revista «Diretrizes», por ocasião das comemorações culturais do cinquentenário da República. Consideramos um dos melhores trabalhos sobre o negro brasileiro. Incluíamo-lo nesta edição de CULTURA NEGRA, como homenagem ao grande cientista, patriota e humanista que foi Arthur Ramos.

As grandes vozes que encheram o ambiente brasileiro, durante a campanha abolicionista, subitamente se calaram, depois da grande data da libertação dos escravos. Silenciaram aquêles eloqüentes oradores do parlamento, estancaram as fontes de inspiração dos poetas iluminados, os jornalistas tiveram sécos os seus tinteiros ou foram à busca de outros motivos de campanha folhetinesca.

Onde se esconderam as graves e generosas figuras que o público se acostumara a admirar e aplaudir? A maior parte desapareceu na sombra. Ou apenas viria a ressurgir muito depois, em retrospectivas reivindicações de editoriais de 13 de Maio, de ano a ano. Patrocínio consumiu-se no esquecimento, abandonado dos próprios amigos, desiludido e doente. Os outros seguiram os seus destinos, esquecidos das lutas de ontem ou na presunção de que nada mais tinham a fazer.

Quais as razões psicológicas do fato? É que a campanha abolicionista teve a desvirtuá-la essa imensa onda de "piedade brancoide", esse incontido lirismo de atitude, ou essa torrente de verbosidade parlamentar onde havia grande dose de inspiração britânica. Cessasse o mercado bárbaro! Desaparecesse uma instituição que repugnava aos sentimentos civilizados! Fossem livres os Negros! Melhor: que se apagasse, de uma vez por tôdas a mancha maldita! E a mancha foi apagada. E por decreto! Falar em escravidão, seria de agora em diante tabú!

Conseqüência: o Negro foi esquecido, foi abandonado, entregue à sua própria sorte. E vamo-lo encontrar, nos alôres da República, completamente desajustado às novas condições de vida com que teria de se defrontar.

Isso deu aparente razão aos que até hoje vêm argumentando que a abolição foi apressada. Aliás os slogans são vários: "a abolição foi um movimento romântico e imperial"; "a abolição veio muito cedo"; "a abolição se processou em prazo muito rápido..." Nenhum desses argumentos resiste à mais débil crítica.

Dizer-se que a abolição foi um movimento de cima é desconhecer as razões profundas da história social e econômica do Brasil. Jamais o Negro foi esse elemento dócil e resignado à condição da escravidão. Ai estão para prová-lo os seus protestos, interiorizados ou violentos, no banzo, no suicídio, ou nas fugas e rebeliões dos quilombos. Muito antes de os grandes leaders do parlamento e do jornalismo levantarem a bandeira abolicionista, já os Negros se reuniam em sociedade de emancipação, amealhando as suas caixas de alforria, para compra das suas cartas de liberdade... Cooperativas de emancipação, idéia generosa que os abolicionistas iriam depois imitar.

A própria lição da economia vem nos provar ainda que a abolição era uma necessidade econômica. Mais do que necessidade: — uma fatalidade econômica. Ninguém põe mais em dúvida esse argumento dos técnicos. O traba-

lho escravo carregava no seu bôjo contradições fortíssimas de ordem econômica. Não compensava. As despesas excessivas com esse material humano, que constituía a maior riqueza dos grandes latifundiários, produziam cada vez maiores déficits na economia agrícola. A receita da lavoura desaparecia na voragem dos grandes gastos de manutenção daquele material humano.

Além disso, havia outras razões de ordem psíco-social. O trabalho escravo, por sua própria natureza, não interessando ao trabalhador, pura e simples bêsta de carga, tinha que se ressentir dessa falta de interresse "humano", na técnica e no rendimento do trabalho. Tôdas essas razões já se faziam notar muito antes da abolição, quando lavouras inteiras se perdiam no fracasso inelutável e quando esclarecidos fazendeiros paulistas já cuidavam de substituir o braço escravo pelo braço assalariado.

Os depoimentos de estudiosos da questão são irrefragáveis. Basta que se consultem os dados colhidos pelo francês Louis Couty, nas fazendas paulistas, em fins do século passado, no paralelo traçado entre o trabalho escravo e o trabalho dos primeiros imigrantes estrangeiros ali introduzidos. Não se trata de nenhuma superioridade do elemento humano, como representante antropológico, do "tipo superior" europeu em frente ao "tipo inferior" africano. Nada disso. Foi a consequência, apenas, das condições diferentes do trabalho e naturalmente das condições desiguais de cultura de uns e outros, como veremos adiante.

A abolição, em suma, foi um movimento que se processou de baixo para cima; que se formou por ondas sucessivas de fatalidades sociais e econômicas.

Nem tão pouco veio cedo. Ao contrário, veio tarde, como a lição dos fazendeiros paulistas e outros nos demonstrou, libertando precocemente os seus escravos (o que vale dizer: libertando-se deles...), e substituindo o

trabalho escravo pelo trabalho assalariado, sob múltiplas formas (contratos, locações de trabalho, sistema de arrendamento, etc.)

E aí chegamos ao último dos argumentos dos escravocratas. "Muito bem! Convenhamos que a abolição foi um movimento fatal, "de baixo para cima"; convenhamos ainda que a abolição não podia mais tardar; mas vamos afirmar que ela se processou em etapas muito rápidas! Precisavamos prever tudo, indenizar os lavradores, amparar o Negro, etc. Nada disso foi feito. A abolição se ultimou num prazo rápido, e por tanto a *debacle* econômica teria que vir fatalmente!"

Não veio. Houve *debacle* econômica, apenas, entre os grandes latifundiários do vale do Paraíba, cuja fortuna immobilizara na compra de escravos. Aí assistimos inevitavelmente ao declínio e à morte definitiva das grandes lavouras de café, que jamais ressuscitaram. Mas isso teria que acontecer, mesmo sem abolição, pelas razões econômicas já expendidas acima, em virtude da immobilização de grandes capitais, e da formidável desproporção entre a receita, cada vez menor, e as despesas crescentes com a manutenção da escravaria. Coisa que os fazendeiros de outras zonas previram e procuraram resolver a tempo.

Mas a proteção ao Negro? continuaram insistindo os escravocratas, numa piedade de undécima hora. A pressa com que foi ultimada a abolição, — argumentaram — não permitiu fossem assistidas as massas de Negros escravos subitamente libertados... ainda aqui, a razão é aparente. Porque não se tratava de assistir aos Negros escravos e sim aos Negros libertos. Si, com pretexto de encaminhar as massas negras, a abolição tivesse sido processada com mais vagar, disso se aproveitariam os senhores latifundiários para retardarem por todos os meios a libertação... Eles não iriam abandonar o capital que lhes restava. E certamente iríamos assistir a novas delongas parlamentares, com sucessivas crises de gabinetes.

A verdade é que não houve assistência aos Negros libertos. Acudi-los na condição de escravos, com o pretexto de encaminhá-los na fase da prometida libertação, seria perpetuar um estado de coisas de sua natureza errado, do ponto de vista social ou econômico.

O que não houve realmente, foi a proteção social e a assistência econômica aos Negros libertos. E esse foi o grande erro dos próceres do abolicionismo e dos teóricos da República.

Mais de meio milhão de Negros escravos foram abandonados à sua própria sorte. Que sabemos dessa grande massa que abandonou subitamente as fainas agrárias para as novas condições econômicas que surgiram nos primórdios da República?

Enquanto que os imigrantes recém-vindos tinham a proteção do Estado, aqui entravam protegidos pelas leis, com os seus contratos de trabalho assegurados, com tôdas as garantias e vantagens de ordem social e econômica, os Negros eram atirados inertes, desajudados, abandonados, ou mesmo escorraçados e vítimas da vingança inconscientes dos seus senhores de ontem, às novas condições de trabalho às quais não se achavam adaptados.

Por cima de tudo isso, havia, embora atenuados em muitos pontos, os preconceitos de raça e casta. O Negro só serviria para a vida rural, para as tarefas da agricultura, ou para as tarefas árduas da mineração. Isso sim, é que era trabalho de Negro! No mais, êle não podia competir com o branco da cidade, conhecedor dos mistérios da técnica e da civilização.

Tudo isso precipitou o Negro liberto no desconhecido. Liberto êle estava na aparência, amparado por um decreto que fêz correr rios de tinta e de eloquência. Porém, na realidade mais atado do que nunca, cego, tateando nas trevas da ignorância onde o mantiveram por séculos seguidos.

E começou a última fase de um calvário que não teve os seus líricos e seus poetas para cantar, como os altilíquidos da abolição.

Houve então uma enorme desorganização da sua personalidade. Inadaptado às novas condições sociais, deseducado, insciente das novas necessidades da civilização industrial que começava, o Negro foi engrossar a cauda dos desajustados, dos *chômeurs*, dos vagabundos das estradas ou da multidão dos mendigos e desocupados das cidades... Fenômeno do mais puro desajustamento da personalidade às novas condições a que não se achava adaptada.

Por falta de proteção e assistência dos homens que fizeram a República e mandaram apagar por decreto, a "mancha" da escravidão.

Mas a mancha continuava existindo, clamando em altos brados a sua realidade flagrante. Aí estavam as grandes massas de milhares de Negros que migraram dos campos para as cidades, atônitos diante de uma claridade que os cegava.

Onde estavam os sociólogos que faziam discursos de legua e meia no parlamento, os ensaístas que escreveram massudos volumes sobre os males da escravidão? Que se fez de estudo comparativo entre o trabalho livre e o trabalho escravo, onde as estatísticas entre os imigrantes e os Negros, os paralelos socio-econômicos entre o Negro desprotegido e o europeu coberto de regalias e protegidos por leis especiais?

Quais os estudos sobre as migrações de massas negras post-abolição, a modalidade entre o campo e a cidade, a adaptação às novas condições de trabalho, o surto de urbanização intensa desde os primórdios da república?

Quais as leis de assistência a essas massas de trabalhadores que entravam em pleno século XX, emersos de uma fase torva da maior degradação a que pode estar sujeito um ser humano?

A República desconheceu o Negro. Ou só o continuou lembrando — uma vez por ano! — não para homenageá-lo, mas para tecer hinos de puro saudosismo aos teóricos de uma abolição, que esqueceu o Negro!

Dir-se-á que o problema do Negro é hoje o problema das massas trabalhadoras, em geral, incorporadas às etnias nacionais. E que esse problema não existe, como "problema negro", mas como um problema do trabalho, em geral. Isso não é verdade senão parcialmente. É outra maneira de se contornar a questão.

Na realidade, alguns teóricos ainda continuam a postular a tese de que o Negro, si não se adaptou completamente às novas circunstâncias, em paralelo com o imigrante europeu, isso seria devido à sua inferioridade étnica. Não vemos ainda hoje certos ensaístas erguerem teses como da menor resistência do Negro às doenças, da sua menor capacidade de trabalho da sua maior indolência, etc.?

Evidentemente tudo isso pode ser uma realidade social, de fácil verificação. Mas não é devido ao Negro como Negro, isto é, como representante antropológico, senão como falta de proteção e assistência, ou pelo menos de assistência desigual, em face do imigrante.

Ainda há pouco tempo, um notável escritor paulista me escrevia sobre as precárias condições sociais do Negro nas grandes cidades, presa da tuberculose, da sífilis, ou atirados à cachaça e à prostituição... tudo isso creado pelas condições deficitárias da sua vida, desajustado, desprotegido, não podendo concorrer com o imigrante protegido por leis que lhe garantiam o trabalho em condições ótimas.

Esse grande desajustamento — exclusivamente de ordem sócio-econômica e cultural — veio desde a abolição. O Negro foi atirado a condições novas, quase que completamente desconhecidas para ele. O trabalho da aculturação ainda não se completou.

O Negro liberto podia e pode concorrer com o melhor dos trabalhadores europeus. A condição seria só experimentá-lo com os cuidados de assistência e de adaptação às várias condições de trabalho. Nada disso foi feito. O Negro adqueriu experiência à sua própria custa. Vencendo obstáculos enormes. E com a indiferença e a hostilidade de derredor. Atravessou a ponte difficilima da República, que nas suas grandes festas o esqueceu, ao homenageado dos dias ainda quentes da Abolição.

Chegou até hoje, estropiado das marchas ásperas, das migrações memoráveis. Caminhando pelos seus próprios pés, ainda mal sarados das cicratizes do tronco.

Num país de auto-didatas, o Negro republicano é o nosso maior auto-didata.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO NEGRO

FUNDADA EM 28 DE DEZEMBRO DE 1954

Rua São Bento, 405 — 16º Andar — Conj. 413 — Telefone: 54-2524

SÃO PAULO — BRASIL

ORGÃOS DIRIGENTES

Directoria Executiva:

Presidente: Gerardo Campos de Oliveira
Vice-Presidente: Américo Orlando da Costa
Secretária Geral: Odacir de Mattos
1ª Secretária: Teda Ferreira
2ª Secretária: Dorival Sirine do Nascimento
Tesoureiro Geral: Israel de Castro
1ª Tesoureira: Pedrinha Faustina de Alvarenga dos Santos
2ª Tesoureira: Roque Antonio dos Santos

Conselho Superior

Presidente: José Cordeiro Leite
Secretário: Américo dos Santos
MEMBROS: Adalberto Arari Rocha — Adelfo Alves da Oliveira — Ademar José de Melo — Alvirio de Souza — Antonio Dias — Antonio Uaxiny Bernardes de Freitas — Armando Vieira — Arnaldo de Camargo — Celso Braga da Conceição — Cláudio Marcolino — Clevis Coelho — Eduardo Francisco dos Santos — Engrácia Hestêncio Pompeu dos Santos — Gerson Firmine de Brito — Henrique Antunes Cunha — Jorge Chagas — Jordelino Serpa — José Ignácio do Rosário — José Pellegrini — Juracy Barbosa de Oliveira — Maria Aparecida Vendiano — Maria da Penha Paula — Nair Theodoro Araújo — Nestor Silva — Oswaldo de Campos — Otávio Tavares — Pedro Affonso de Arruda Filho — Rodolpho Severo e Sebastiana Vieira

DEPARTAMENTOS

Departamento de Cultura

Director: Oswaldo de Camargo

Departamento de Esportes

Director: Armando Vieira

Departamento Estudantil

Director: Gerson Firmine de Brito

Departamento Feminino

Directora: Sebastiana Vieira

Comissão de Recreação

Director: Nestor Silva